

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: DOU Class.: Seção I  
Data: 02/09/92 Pg.: 12076-78

## FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO

DESPACHO Nº 27, DE 19 DE AGOSTO DE 1992

Assunto: Processo FUNAI/BSB/1749 /92. Referência: Área Indígena TAIHANTESU. Interessado: Grupo Indígena Wasusu. EMENTA: Aprova o relatório de delimitação da Área Indígena em que se refere, com fulcro no Decreto nº 22, de 04 de fevereiro de 1991.

O PRESIDENTE DA FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI, tendo em vista o que consta no Processo FUNAI/2ª SUER/1587/88, e considerando o Parecer nº 17/CEA/92 de autoria do Sociólogo MARCO ANTONIO DO ESPÍRITO SANTO, aprovado pela Resolução nº 065/CEA/92, que acolhe, face as razões e justificativas apresentadas, decide:

1 - Aprovar as conclusões objeto da citada Resolução para a final, reconhecer os estudos e adequações à delimitação da Área Indígena TAIHANTESU, de ocupação do grupo tribal Wasusu, com a superfície e perímetro aproximados de 4.700 ha e 32 km respectivamente, localizada no Município de Comodoro, Estado do Mato Grosso.

2 - Determinar a publicação no D.O.U do Parecer, Memorial Descritivo e Despacho, na conformidade do Art. 2º, § 7º do Decreto 22/91.

3 - Encaminhar o respectivo processo de demarcação ao Ministério da Justiça, acompanhado da Minuta de Portaria Declaratória, para a aprovação.

SYDNEY FERREIRA POSSUELO

## PARECER Nº 17/CEA, DE 12 DE JUNHO DE 1992

Proc. Nº 1587/88/2ª SUER, FUNAI/BSB/3545/76, FUNAI/BSB/3167/81 - Denominação: Área Indígena TAIHANTESU. Etnia WASUSU, família lingüística Nambikwara. População: 50 - Localização: Município de Comodoro/MT. Situação Fundiária: Interditada conforme Port. PP/1214, de 17.12.90 e publicada no D.O.U em 09.01.91.

## I - HISTÓRICO

Entre os Nambikwara distinguem-se três agrupamentos principais: os do campo, os do Norte e os do Vale do Rio Guaporé.

Os Nambikwara do Vale do Rio Guaporé são também denominados Manairisu e compreendem cinco subgrupos: Hahaintesu, Alantesu, Wasusu, Waiksu/Alakatesu e Katitauru.

Os primeiros contatos dos Nambikwara com brasileiros deram-se por volta de 1731, a partir da descoberta de ouro na região entre a Chapada dos Parecis e o rio Guaporé. Tinham como locais de estabelecimento, as cabeceiras e matas do rio Guaporé e tributários (1797).

Iniciaram-se a partir de então, os conflitos e tentativas de aldeamentos compulsórios.

Em 1781, foi estabelecida uma colônia de índios no Córrego da Bulha, afluente do rio Sararé. Esta colônia permaneceu até 1783, quando o despotismo do Diretor levou os índios a incendiarem a aldeia.

A fim de proteger o povoado de São Vicente das hostilidades indígenas, a Diretoria dos Índios na Província de Mato Grosso resolveu criar uma aldeia para os Nambikwara, o que não se efetivou. Quando os índios mataram algumas pessoas no arraial do Pilar, foi decidido o envio de uma Bandeira para revide (1748).

Em 1907, os Nambikwara entram em contato com a Expedição Rondon, que construía a linha telegráfica entre Cuiabá e Porto Velho.

Segundo Roquette Pinto (1912) a região dessa etnia era definida pelo rio Papagaio, no seu limite meridional, ao norte, até o rio Gi-Paraná; a leste, o rio Tapajós e a oeste, o rio Guaporé.

Por volta de 1914, inicia-se a fase de contato com exploradores de poaia, entre a Chapada dos Parecis e o Vale do Guaporé. Posteriormente chegam os seringueiros quando então ocorrem vários massacres aos índios da região.

Em 1919 o SPI instala um Posto em Pontes de Lacerda, para atrair os Nambikwara do rio Sararé. Este Posto foi transferido para a foz do Sararé em 1921, sendo extinto, oito anos depois, sem conseguir contato pacífico.

Em 1949, os Nambikwara são citados "na Serra do Norte, onde o Estado de Mato Grosso se acaba", tendo sido encontrados no Chapadão do Jati, "no local onde se acha a estação telegráfica do Juruena".

A região dos Nambikwara foi assim descrita em 1953, por Kaervo Oberg: "Os Nambikwara em seu todo, ocupam um território limitado a oeste pelo rio Papagaio e a leste pelas cabeceiras do rio Roosevelt e rio Pi-menta Bueno. Ao sul eles se espalham até as cabeceiras do rio Juruena e do rio Cabixi. Ao Norte são levantadas por uma linha que vai mais ou menos da latitude 12°30', no rio Papagaio, até a latitude 11°, no rio Roosevelt.

A partir de 1960, com a construção da BR-364 (Cuiabá/Porto Velho) efetiva-se a maior invasão do território Nambikwara do Vale do Rio Guaporé. Esta estrada possibilitou a penetração das terras férteis do vale por grandes empresas que realizaram extensos desmatamentos para exploração de madeira e implantação de pastagens.

Em 1968, Paul David Price e Cecil E. Cook apontam como sendo território Nambikwara: a leste, pelo rio Guaporé; ao sul, próximo à cidade de Vila Bela; ao norte, limita com o grupo indígena Cinta-Larga; a oeste, com os grupos Erikpaksá, Irantxe e Paresi.

Nesse mesmo ano, é criada a Reserva Indígena Nambikwara. Tentou-se transferir o subgrupo Wasusu para esta Reserva, mas por não terem se adaptado, retornaram ao local de origem alguns meses depois.

A FUNAI, em 1974, decretou a interdição, para efeito de estudo e proteção aos índios, da região situada entre os rios Galera, Sararé e Guaporé, onde se encontravam, entre outros, o subgrupo Wasusu. Denominada como Área Indígena Vale do Guaporé, esta área foi demarcada em 1984.

Tentou-se a demarcação de áreas isoladas para cada subgrupo Nambikwara, porém a rede de interesses comuns entre eles, determinada pela reprodução cultural, biológica e econômica, impôs a adequação de uma área contínua.

### II - TAIHANTESU - A Aldeia dos Espíritos WASUSU\*

Trata-se de uma área de terras interditadas, com 4.700 ha, de uso imemorial do subgrupo Nambikwara Wasusu, com características especiais por ser uma região sagrada, o cemitério espiritual do grupo, local de realização de rituais, concebido como origem do mundo e morada de entidades míticas. Localiza-se no limite sudeste da Área Indígena Vale do Guaporé.

Desconhecida pela FUNAI na época da demarcação da Área Indígena no Vale do Guaporé que foi homologada em 1985, tornou-se conhecida a partir de 1986, quando passou a ser explorada por terceiros, inquietando os Wasusu e dando início a uma série de conflitos.

A área contém as cavernas sagradas Yanalilitênsu, Yakatãinsu e Taihantesu; as cachoeiras sagradas dos Córregos Y'akatayausu e T'aihyausu. Nesse complexo de monumentos naturais sagrados, ainda se localizam inúmeros sítios arqueológicos e peculiaridades ecológicas como a floresta higrofila megatermal levantada por Hoehne (1914), atribuída apenas às encostas ocidentais da Chapada dos Parecis.

Em julho de 1986, os Wasusu queimam o acampamento de peões que faziam uma derrubada no local e uma vistoria feita pelos índios, acompanhados pelo Chefe do Posto, constata o início da depredação da área.

Em 1987, toda a mata no entorno das cavernas havia sido derrubada e os painéis rupestres riscados com ferramentas metálicas.

Em 1988, homens Wasusu saqueiam uma das casas que foram construídas no local. Nesse mesmo ano, técnicos da FUNAI, SPHAN, SEMA e UFMT visitam o local a fim de levantar o potencial arqueológico, espeleológico e fauna-florístico e constatarem haver matas derrubadas e transformadas em pasto; introdução de gado; queimadas e extração de madeira. Ainda em 1988, um grupo de índio invade a Fazenda de Walter Dantas que, assim como Leobino José Santana, promovia desmatamentos no local. Estudos para efeito de interdição, identificam na época (1989), 1000 ha de pastagens.

A partir daí, foi providenciada a interdição da área que realmente se efetivou em 1990.

### III - CONCLUSÃO \*

Os Wasusu acreditam no "espírito", que abandona o corpo com a morte, sendo necessário afastá-lo da aldeia, a fim de evitarem possíveis males. Assim o corpo do morto deve ser colocado em um local específico, as cavernas. Nenhum indivíduo alheio à etnia, tem acesso a esses locais, tampouco suas localizações devem ser divulgadas. Foi a partir dos conflitos abertos pela ocupação dos entornos das cavernas de Taihantesu que as mesmas passaram a ser conhecidas, além daquelas já identificadas dentro da área demarcada.

Os aparados do Chapadão e sua vegetação luxuriante ocultam alguns dos sítios arqueológicos mais antigos da América do Sul (Miller, 1976) com datações às vezes superior a 9.000 anos A.C. e que - segundo informações dos índios Nambikwara e Pareci, habitantes seculares da região - estendem-se desde as vertentes sul da Serra dos Parecis até seus contrafortes ocidentais. A entrada das grutas e nas faces dos testemunhos nos acham-se gravuras rupestres de grande significado para o entendimento do homem americano e a ocupação do continente. Quase a totalidade desses sítios são praticamente desconhecidos e diversos fatores ecológicos, arqueológicos e antropológicos indicam a necessidade premente de sua preservação.

Os Wasusu reconhecem que os restos arqueológicos e as gravuras rupestres pertencem aos seus antepassados. Em setembro de 1985, quando levaram o corpo de um de seus líderes para uma dessas cavernas sagradas, a região ainda estava completamente intocada. Este subgrupo Nambikwara não aceita - e demonstrou isso em várias ocasiões - que Taihantesu, a aldeia dos Espíritos, seja transformada em pastagens. Trata-se de área de posse imemorial do grupo Wasusu, de uso ritualístico e religioso essenciais para sua preservação cultural. É constituída de sítios arqueológicos de grande importância científica e de ecossistemas diversos, peculiar apenas às encostas ocidentais da Chapada dos Parecis. Cabe ao Governador Brasileiro, com fulcro no Decreto 022 de 1991, e nos termos da Constituição Federal, providenciar a sua demarcação. Sendo assim, somos pelo aproveitamento dos estudos que levaram à interdição da área e seu encaminhamento ao Ministério da Justiça para providências.

NWS 01/87

MEMORIAL DESCRITIVO DE DELIMITAÇÃO

P. 12077

DENOMINAÇÃO  
ÁREA INDÍGENA TAIHANTESU

ALDEIAS INTEGRANTES

GRUPOS INDÍGENAS  
WASUSU

LOCALIZAÇÃO

MUNICÍPIO : COMODORO ESTADO : MATO GROSSO  
UNIDADE REGIONAL DA FUNAI : ADR DE VILHENA

COORDENADAS DOS EXTREMOS

EXTREMOS	LATITUDE	LONGITUDE
NORTE :	14° 03' 57" S	59° 31' 37" Wgr.
LESTE :	14° 07' 55" S	59° 30' 53" Wgr.
SUL :	14° 09' 19" S	59° 31' 30" Wgr.
OESTE :	14° 05' 41" S	59° 35' 23" Wgr.

BASE CARTOGRÁFICA

NOMENCLATURA	ESCALA	ÓRGÃO	ANO
MI - 2056	1:100.000	D S G	1.981

ÁREA : 4.700 ha (Quatro mil e setecentos hectares aproximadamente).

PERÍMETRO : 32 Km aproximadamente.

Descrição do Perímetro

**NORTE** : Partindo do Ponto 01 de coordenadas geográficas aproximadas 14° 05'41"S e 59°35'23"Wgr., localizado na confluência do Córrego Vai-e-Vem com o córrego sem denominação; daí, segue no sentido montante pelo citado córrego até sua cabeceira, no Ponto 02 de coordenadas geográficas aproximadas 14°03'57"S e 59°31'37"Wgr.

**LESTE** : Do ponto antes descrito, segue por uma linha reta no azimuth e distância aproximados de 169°08'37" e 7.443,00 metros, até o Ponto 03 de coordenadas geográficas aproximadas 14°07'55"S e 59°30'53"Wgr., localizado na margem direita do Córrego Areia Branca; daí, segue por uma linha reta no azimuth e distância aproximados de 202°55'55" e 2.823,00 metros, até o Ponto 04 de coordenadas geográficas aproximadas 14°09'19"S e 59°31'30"Wgr., localizado na cabeceira de um córrego sem denominação.

**SUL** : Do ponto antes descrito, segue no sentido jusante pelo citado córrego até sua confluência no Córrego Vai-e-Vem, no Ponto 05 de coordenadas geográficas aproximadas 14°07'45"S e 59°33'42"Wgr.

**OESTE** : Do ponto antes descrito, segue no sentido jusante pelo Córrego Vai-e-Vem até o Ponto 01, inicial da descrição.

JOSÉ JAIME MANCIN